

ESCOLHA CONJUGAL DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA FRONTEIRA COM O BRASIL¹

Wilson Fusco*
Sylvain Souchaud**

Introdução

Como se dá a escolha de um parceiro para a formação de uma aliança matrimonial? As influências envolvidas nesse processo agrupam posturas conscientes e inconscientes, relações familiares, estruturas sociais e econômicas, elementos culturais e geracionais e outros fatores.

A análise de determinados aspectos relacionados à formação de laços conjugais pode auxiliar a compreensão de processos sociais que são objetos de interesse específico, como, por exemplo, a forma de inserção de imigrantes (internos ou internacionais) na sociedade de destino. Nesse sentido, ao considerarmos que a união entre duas pessoas de um mesmo grupo (imigrantes estrangeiros, neste caso) ou a união entre pessoas de grupos diferentes (um imigrante e um nativo, por exemplo) são resultantes de um processo estreitamente ligado ao arbítrio de

cada um dos parceiros (ainda que, em casos específicos, tal processo possa sofrer constrangimentos de diferentes ordens), podemos entender a opção tomada como estratégia, independentemente do objetivo a ser alcançado.

A união exogâmica de pessoas pertencentes a grupos de imigrantes na sociedade de recepção é frequentemente interpretada como sendo uma estratégia da parte do próprio migrante. A palavra estratégia traduz a ideia de intencionalidade que, de certa forma, existiria por parte do migrante em obter algum benefício a mais na união com um autóctone, benefício essencialmente individual e não diretamente ligado ao casal. Sabendo que as restrições crescentes da presença do estrangeiro na sociedade de destino podem se constituir em um problema a ser superado, essa intencionalidade adquire *a posteriori* a função de integração.

Assim, considera-se em geral que, pela união exogâmica, o migrante vai se beneficiar de uma melhor integração na sociedade de recepção: seja pela facilidade na obtenção da documentação e a simples possibilidade de permanência e trabalho de forma regular, seja pela obtenção de um estatuto social superior, já que a união traria uma posição ou uma ascensão social imediata no caso de união entre indivíduos de classes sociais diferentes. Afinal, a exogamia do migrante resultaria em sua integração na sociedade de recepção. Essa perspectiva, mais centrada no migrante, completa-se com o que seria a perspectiva da sociedade de recepção. A exogamia, desde os trabalhos da escola de sociologia de Chicago, seria um elemento central no processo de assimilação dos imigrantes. A assimilação – conceito fortemente criticado pelo caráter radical e unilateral – envolveria um processo cultural (pela adoção dos padrões culturais da sociedade de recepção), social (refletindo-se no nível de escolarização, na renda, no setor de atividade) e biológico (mestiçagem que ocorreria nas gerações seguintes). A partir dessa perspectiva, a união exogâmica seria, de fato, o indicador de um fator de integração do grupo migrante² e marcaria, de certa forma, o fim do ciclo migratório, ainda de acordo com a abordagem da escola de Chicago (REA e TRIPIER, 2008).

No entanto, como menciona Safi (2008), os negros norte-americanos e os irlandeses nos Estados Unidos seriam exemplos contrários à teoria clássica, embora ainda válida em muitos casos. Os negros americanos, apesar de terem conhecido um forte processo de aculturação e de assimilação (reforçado por uma longa trajetória de migração nos Estados Unidos), ainda apresentam baixíssimos níveis de exogamia, e seguem fortemente diferenciados socialmente³. Os irlandeses, por sua vez, mantiveram por muito tempo uma forte endogamia, independentemente de sua eficiente inserção socioeconômica.

Por último, em situações inversas, correspondentes a uma forte exogamia, não se verificam níveis de inserção socioeconômi-

ca acima de outros grupos de imigrantes. Esse é o caso dos negros originários do Caribe residentes na Inglaterra, cuja exogamia é elevada e os seus níveis de escolarização e rendimento são mais baixos, se comparados com esses indicadores aplicados aos indianos ou chineses (MUTTARAK *apud* SAFI, 2008).

Esses elementos brevemente expostos evidenciam como a exogamia de um grupo imigrante não apaga as fronteiras sociais, mas torna mais complexo o posicionamento do indivíduo na sociedade, sendo sua integração muito variável segundo as fronteiras consideradas. Devemos levar em conta que, de forma consciente ou não, imigrante e nativo escolhem seus parceiros considerando, dentre outros aspectos, seu “valor” no mercado matrimonial (LEVY, 2009), objetivando superar alguma eventual desvantagem social ou impor sua própria superioridade. Por outra parte, verificamos mais uma vez que, tanto para o migrante como para o conjunto da população, a integração se define como construído em função de alguns critérios subjetivos, frente aos quais existe uma obrigação de êxito, como, por exemplo, na educação, na renda, até num âmbito mais individual: na união.

Neste texto, queremos contribuir à discussão a partir da observação dos comportamentos matrimoniais de imigrantes internacionais residentes no Brasil, particularmente dos bolivianos. Apesar de a população boliviana ser encontrada em alguns pontos específicos no Brasil, nosso foco será colocado no caso de Corumbá (MS), onde se observam arranjos matrimoniais diferenciados e para o qual dispomos de base de dados primários resultante de uma pesquisa domiciliar realizada em 2006.

Residentes no Brasil, nascidos no exterior

Existiam quase 420 mil pessoas residentes no Brasil e nascidas no exterior que foram registradas como responsável pelo domicílio, ou cônjuge deste, no censo de 2000. Este grupo representava 61% dos mais de 680 mil indivíduos que nasceram fora do Brasil na data do último censo, reflexo da estrutura etária

**Escolha conjugal
dos imigrantes
bolivianos
na fronteira
com o Brasil**

**Wilson Fusco e
Sylvain Souchaud**

**Escolha conjugal
dos imigrantes
bolivianos
na fronteira
com o Brasil**

**Wilson Fusco e
Sylvain Souchaud**

que evidencia o atual estágio de envelhecimento dessas pessoas pela alta proporção de indivíduos considerados responsáveis pelo domicílio ou seu cônjuge. Esses imigrantes estão inseridos em uniões que podem ser categorizadas como endogâmicas ou exogâmicas, ou seja, casais formados por ambos os cônjuges sendo imigrantes (segundo a opção deste trabalho, eles podem ser de mesma origem ou não) ou por um cônjuge nascido no Brasil e outro no exterior. Nesse sentido, o censo de 2000 mostra que 57% dos imigrantes registrados como responsáveis pelo domicílio ou cônjuges destes estavam em casais exogâmicos, e que a maioria dos estrangeiros nesse arranjo eram homens (73%). O simples fato de a maioria dos imigrantes no Brasil estarem inseridos em casais mistos, independentemente da origem e do lugar de residência, já é uma evidência da miscigenação de “povos” que ocorre no Brasil. Cabe lembrar um aspecto da obra de Gilberto Freyre, segundo o qual a mobilidade, a miscibilidade e aclimatibilidade que o português incorporara a sua cultura foram características essenciais para que o colonizador conseguisse atenuar a enorme escassez de gente para o início do povoamento da terra recém-ocupada (FREYRE, 1987). Não queremos dizer com isso que a democracia racial de Freyre de fato opere no Brasil, já que, segundo IANNI (2004), os mitos dominantes de uma sociedade são sempre os mitos convenientes à preservação da estrutura presente de interesses materiais e conveniências sociais.

De fato, o que se verificou foi a miscigenação entre homens portugueses e mulheres negras, por meio de exploração sexual em relações completamente assimétricas, resultando no nascimento de mestiços que, por sua vez, continuaram a sofrer com a falsa harmonia entre etnias diferentes. Queremos, contudo, destacar a complexidade e a intensidade das relações existentes no país entre grupos de diferentes origens, sejam sociais, étnicas, geográficas ou culturais.

Com relação à medida de proporção entre sexos na adoção da exogamia entre os imigrantes, seu significado não pode ser atri-

buído diretamente à presunção da superioridade do homem estrangeiro em relação à mulher brasileira sem que esse indicador seja desagregado em outras categorias, como país de origem, religião, raça, geração, nível educacional, renda, região no destino etc. Estes, entre outros, são fatores que reconhecidamente estão associados à proporção de uniões exogâmicas em grupos de imigrantes. No caso brasileiro, se levarmos em conta a origem do imigrante e o local de residência no Brasil, torna-se possível a formulação de algumas explicações com relação à maior representação masculina nos casais mistos.

O grupo de pessoas nascidas em Portugal tem o maior peso entre os imigrantes residentes em território nacional (33% entre os nascidos no exterior) e apresenta uma proporção de 74% de homens entre os indivíduos que fazem parte de casais exogâmicos, nos quais, por sua vez, encontram-se 53% dos imigrantes portugueses (independente do sexo) casados ou unidos. Outros países de origem importantes em termos de volume, como Itália e Espanha, exibem também a predominância masculina no mesmo tipo de arranjo matrimonial, com 78% e 76%, respectivamente. O grupo de pessoas nascidas no Japão, terceiro em volume no Brasil, apresenta o maior índice de participação masculina em casais exogâmicos (pouco mais de 78%) e a menor proporção de participação em casais exogâmicos (49%) dentre os dez grupos de imigrantes mais importantes em termos de volume. De forma geral, esses números revelam que os europeus e os japoneses residentes no Brasil se inserem relativamente menos em casais exogâmicos (menos também do que o esperado, dado que são imigrantes que estão há mais tempo no Brasil, portanto com maiores “chances” de miscigenação) que os demais grupos (já que a média nacional é de 57%), e que a participação masculina nesses casais é relativamente mais alta (uma vez que a média é de 73%).

Com relação aos imigrantes vindos de países da América do Sul (de maneira geral, mais recentes que os europeus e japoneses), temos no Paraguai o grupo mais importante

numericamente e mais diferenciado com relação às medidas de exogamia (83%) e participação de homens nesses casais (48%). Argentina, Chile e Uruguai, por outro lado, constituem a origem de imigrantes que formam casais com brasileiros na proporção de 67%, 60% e 67%, respectivamente, e cuja participação masculina nesses arranjos é de 70%, 76% e 63%, na mesma ordem. Os bolivianos, população de especial interesse para este trabalho, apresentam medidas intermediárias: 58% deles estavam em casais exogâmicos e 67% desses cônjuges eram homens. Em função da diferença de composição populacional interiormente a cada um desses países latino-americanos, era esperado que aqueles com reconhecida predominância de ancestralidade europeia (Argentina, Chile e Uruguai), de um lado, e aqueles com expressiva proporção de etnias indígenas, de outro, exibissem números semelhantes no interior de cada grupo. Como, então, explicar a posição “intermediária” dos bolivianos, a qual se esperava mais próxima dos paraguaios?

Como citado anteriormente, os imigrantes vindos da Bolívia concentram-se em alguns pontos específicos do território brasileiro. Grosso modo, pode-se dizer que tais pessoas estão localizadas predominantemente na fronteira entre os dois países e na região Sudeste, particularmente no município de São Paulo. Conforme referido em outro trabalho (SOUCHAUD; BAENINGER, 2008), essa migração é representada por dois modelos distintos de organização social, em função da região de destino. De fato, se consideramos os bolivianos residentes na região Sudeste, a proporção de imigrantes em casais exogâmicos é de 47%, e a participação dos homens nesses casais é de 74%. Quando focalizamos as regiões Norte e Centro-Oeste, que são os locais onde os bolivianos se concentram nos municípios fronteiriços, percebemos outra faceta desse fenômeno, pois as medidas equivalentes são de 61% para casais exogâmicos e 50% de participação masculina, para o Norte, e de 76% e 55%, respectivamente, para o Centro-Oeste (onde está localizada Corumbá). Assim, os bolivianos que vivem em

municípios da fronteira estão inseridos relativamente mais em casais exogâmicos e com maior participação feminina nesses casais (comportamento mais próximos dos paraguaios, como se esperava) do que os imigrantes nascidos na Bolívia e residentes na região Sudeste.

O que pretendemos mostrar neste segmento é que existe, entre outros fatores, um “valor” relativo do potencial parceiro, no momento da escolha conjugal, que é vinculado ao sexo do imigrante, ao seu lugar de origem e ao seu local de destino no Brasil. Pelos números exibidos, ficou claro que alguns imigrantes não necessitam se inserir em casais mistos (exogâmicos) para compensar alguma vulnerabilidade – na verdade, a maioria masculina, entre os europeus em casais mistos, indicaria mais a imposição de sua suposta “superioridade” –, enquanto que outros utilizam esta alternativa para uma inserção mais fácil na sociedade de destino. Tal vulnerabilidade (ou, ao contrário, robustez) se refere, neste caso, ao fato de o imigrante (homem) ter origem em países europeus (ou, ao menos, com ancestralidade europeia) ou do imigrante (mulher) ser proveniente de países com reconhecida predominância de etnias indígenas, como é o caso do Paraguai e da Bolívia.

Isso mostra, também, que a exogamia da mulher migrante é um indicador mais potente de integração do grupo, ou seja, de como o grupo dominante considera/aceita o grupo dominado; considerando que o homem, muitas vezes, consegue ser exogâmico por meio da transferência de uma vantagem econômica para seu cônjuge, enquanto a mulher migrante, principalmente na sociedade brasileira (ou latinoamericana), não poderia facilmente propor uma transação igual à anterior, na qual traria uma superioridade econômica, pois mesmo se tal fato beneficiasse o casal, seria considerado como um fator de “desmoralização” para o homem.

Em síntese: o homem pode entrar na proposta de troca trazendo mais do que ele é por essência, ou seja, ele pode trazer na negociação o que ele representa ou valoriza

Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

socialmente e pode ser transmitido – um construto; a mulher não pode negociar muito mais do que ela é – uma mulher do grupo dominado, ou seja, o que ela é enquanto oposto e complemento do homem, e isso independentemente de seu *status* social. Finalmente, quando são as mulheres o meio de troca, esta envolve a aceitação mais completa do outro; quando os homens são a “moeda de troca”, a possibilidade de outros elementos de negociação individual e que não remetem ao grupo como um todo é forte e interfere no processo. Essa posição explicaria, talvez, o diferencial exogâmico entre homem e mulher. Outro exemplo que pode ser adicionado: na sociedade estadunidense, a exogamia dos negros é baixíssima e muito diferente entre homens (4,6%) e mulheres (2,3%) (TODD, 1994). O autor fala até de uma “proibição máxima” em relação à mulher negra na sociedade norte-americana.

A outra explicação do diferencial é que, de alguma maneira, a exogamia, para o indivíduo e a sociedade, pode aparecer como uma transgressão (dupla): quando uma pessoa migrante casa com uma pessoa de outro grupo, ela provoca uma quebra ao sair do grupo (1º transgressão) e, ao mesmo tempo, altera o grupo de origem incorporando o outro. Além disso, a saída do grupo original também resulta numa alteração interna de equilíbrio (do mercado matrimonial, por exemplo). Será que na sociedade brasileira, como nas ocidentais, deixam-se transgredir os homens e as mulheres da mesma forma? A maior proporção de exogamia entre os homens seria somente o reflexo de uma maior permissividade de transgressão outorgada aos homens?

Corumbá, cidade de fronteira, cidade de imigração

Segundo o censo demográfico realizado em 2000, no Brasil, das mais de 680 mil pessoas nascidas no exterior, metade vivia no Estado de São Paulo; o estado do Rio de Janeiro ficava em segundo lugar, com 20% dos não naturais. Quando restringimos esse contingente às pessoas nascidas na Bolívia

(pouco mais de 20 mil pessoas), São Paulo continua em primeiro lugar, também com 50% dessa população, mas Rondônia (12%) e Mato Grosso do Sul (9%) são os estados com as maiores concentrações subseqüentes.

A imigração boliviana no Brasil ocorre desde os anos 1950, mas ela vem ganhando força nos últimos dez a quinze anos. Hoje, os migrantes concentram-se principalmente na cidade de São Paulo (que abriga mais de 38% dos nascidos na Bolívia e residentes no Brasil), motivo pelo qual grande parte dos estudos acadêmicos sobre essa população circunscreve as análises a esta cidade (BUCHLER, 2004; CYMBALISTA e XAVIER 2007; SILVA C., 2008; SILVA S. 2005, 2003, 1997). No entanto, os bolivianos estão presentes em outros lugares do país, e de forma marcante na fronteira internacional (SOUCHAUD et al, 2007).

A cidade de Corumbá (mapa 1), no Estado do Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste), na fronteira com a Bolívia, é um lugar que agrega muita população boliviana. Segundo os dados do Censo do IBGE, residiam 1.022 imigrantes do país vizinho na cidade de Corumbá em 2000,⁴ o que representa o segundo maior volume de imigrantes bolivianos no Brasil, atrás somente de São Paulo. Considerando o peso dos migrantes na população total da cidade, eles representam 1,2% dos corumbaenses, valor alto e muito acima do que é verificado em São Paulo⁵ (0,07%). Apesar disso, Corumbá não é o lugar onde a população boliviana tem o maior peso, característica, na verdade, de outra cidade de fronteira – Guajará-Mirim – em Rondônia (região Norte), na qual 2,8% da população são nascidos na Bolívia. É importante insistir que o Censo subestima a presença boliviana, por subregistro, e que, segundo a estimativa da Pastoral do Migrante local, a população boliviana em Corumbá se aproximaria a 8.000 indivíduos.

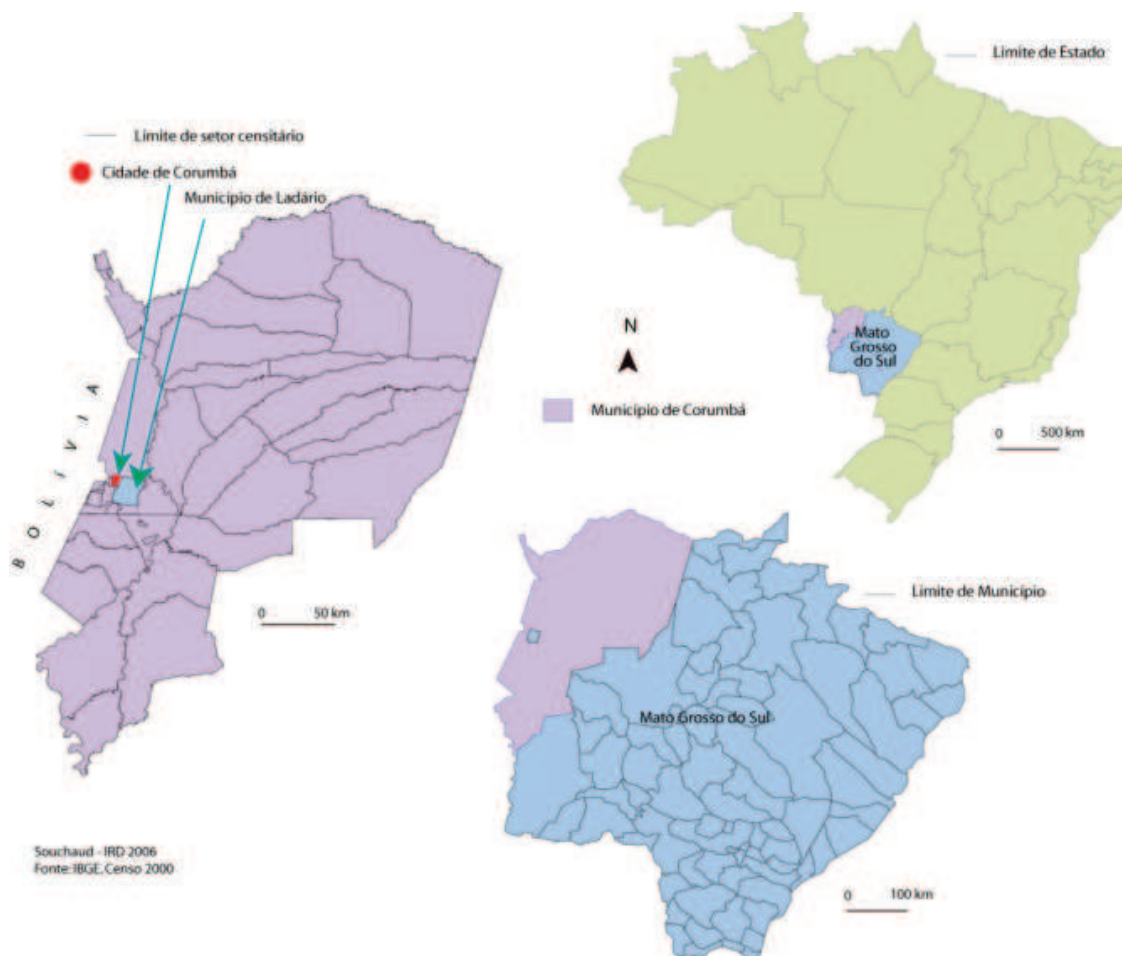
Além de sua importância demográfica, a imigração boliviana em Corumbá distingue-se bastante, tanto historicamente quanto sociologicamente, daquela verificada em São

Paulo. O fluxo tem sido um pouco mais intenso nos últimos dez anos, de forma similar ao que acontece em São Paulo, mas a imigração nesta fronteira é mais antiga, sendo significativa desde os anos de 1950, quando se intensifica a integração binacional, principalmente a partir da construção da estrada de ferro na região, cuja obra foi concluída em 1954 (MANETTA, 2009).

Nas entrevistas realizadas em Corumbá ao longo do ano de 2006, a década de 1950 foi mencionada inúmeras vezes como sendo importante na aceleração do processo migratório. A infraestrutura ferroviária não somente trouxe facilidades para a circulação, mas também muitos trabalhadores – nordestinos e bolivianos, principalmente – que seriam empregados nas obras ligadas à implantação da estrada de ferro.

Os bolivianos em São Paulo, por sua vez, são especializados na confecção têxtil e, segundo o censo (IBGE, 2000), 39% dos que trabalhavam eram operadores de máquina de costurar roupa. Em Corumbá, a atividade principal dos imigrantes é o comércio. Essa especialização entende-se pela localização da cidade, sendo a fronteira um lugar preferido pelos comerciantes. Além disso, Corumbá desenvolveu há muito tempo e com bastante êxito essa função comercial. É importante mencionar que o forte empenho dos migrantes no setor comercial tem como consequência a feminização do fluxo. Com efeito, as atividades comerciais, seja nas feiras, seja a venda ambulante, são tradicionalmente desprezadas socialmente nas culturas andinas (quíchua e aimará, principalmente) da Bolívia, e geralmente “deixadas” às mulheres.

Mapa 1
Localização da cidade de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul



Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

As origens geográficas dos bolivianos em Corumbá são também diferentes daquelas dos imigrantes em São Paulo. São, ao mesmo tempo, diferentes e mais diversificadas. Esse elemento é importante, já que a variedade cultural da Bolívia se reflete na distribuição espacial, logo a migração em Corumbá oferece mais diversidade étnica. Os migrantes em Corumbá são originários, em sua maior parte, do departamento vizinho: Santa Cruz. Observamos também a presença de populações andinas, pertencentes às culturas quíchua e aimará.

Nessa breve apresentação das especificidades da imigração boliviana em Corumbá, percebemos que seu estudo mais minucioso pode alimentar o conhecimento desta população migrante. Além disso, a antiguidade do fluxo e a diversidade cultural da população migrante nos permitem observar com maiores detalhes o processo de integração dos migrantes, visto por meio das uniões exogâmicas.

O trabalho de campo

A pesquisa de campo teve como objeto o estudo do espaço migratório entre Bolívia e Brasil. Foram buscados subsídios para analisar a formação desse espaço migratório, por meio da reunião de dados sobre os domicílios de Corumbá, dos quais pelo menos um dos seus chefes tivesse nascido na Bolívia. A caracterização sociodemográfica dos membros do domicílio, condições de alojamento, de educação, de atividade, associadas aos percursos migratórios dos imigrantes, permitiram reconstituir as etapas da migração boliviana em Corumbá, identificar diferentes ondas migratórias, determinar as ancoragens espaciais deste grupo e avaliar as mudanças sociais e familiares às quais a migração internacional contribuiu. Além disso, também foi intenção deste trabalho o estudo da migração individual perante os contextos familiares e relacionais, e a determinação de como, a partir de Corumbá, articulam-se redes sociais de cada lado da fronteira.

A intenção inicial era a de confrontar duas pesquisas em Corumbá, uma junto aos domicílios nos quais pelo menos um dos chefes

tivesse nascido na Bolívia, a outra, junto aos domicílios em que nenhum membro tivesse nascido na Bolívia. Cada uma das pesquisas teria sido realizada a partir de uma amostra representativa. Por falta de recursos, essencialmente, mas também por razões técnicas, esta opção foi abandonada e foi decidido proceder só a uma pesquisa, junto aos domicílios com pelo menos um chefe nascido na Bolívia, de acordo com o método chamado “bola de neve”.

Entre as várias saídas a campo para Corumbá, a anterior ao levantamento de dados foi organizada em abril de 2006. Após ter tomado contato com diferentes associações (Pastoral do migrante, Associação Brasil-Bolívia, feira Bras-Bol, em particular) e pessoas-chave, foram realizadas seis entrevistas com migrantes bolivianos. Procedemos simultaneamente a diferentes observações na cidade, nos bairros de concentração da imigração, em zonas de atividades específicas (feira Bras-Bol e mercado “livre”, comércio artesanal ambulante), na fronteira internacional, e reunimos diversos documentos (estatísticos e cartográficos).

A fim de lançar o encadeamento das entrevistas, várias entradas tinham sido preparadas graças aos contatos conseguidos previamente: na feira Bras-Bol, na associação Brasil-Bolívia, na Pastoral do migrante, no arquivo de pais de alunos do colégio CAIC (a maior escola pública da cidade: 1200 alunos matriculados) detalhado por lugar de nascimento. Contamos igualmente com as redes pessoais e a habilidade dos entrevistadores. Como exemplo, uma entrevistadora tomou a iniciativa de trabalhar a partir dos arquivos de um posto de saúde, detalhando os lugares de nascimento e residência atual dos pacientes. Na etapa posterior, entre 18 e 23 de outubro de 2006, foi realizada a pesquisa domiciliar que juntou informações sobre uma amostra não representativa de 215 domicílios (mapa 2) corumbaenses, os quais contavam com pelo menos um dos “responsáveis” (ou cônjuge) nascido na Bolívia.⁶ Dentro destes domicílios encontramos 268 famílias (segundo o conceito de família utilizado pelo

Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

censo demográfico do IBGE, pode-se encontrar mais de uma família dentro de cada unidade domiciliar, chamadas de famílias conviventes), dentre as quais pelo menos 222 tinham como responsável (ou cônjuge deste) uma pessoa nascida na Bolívia.

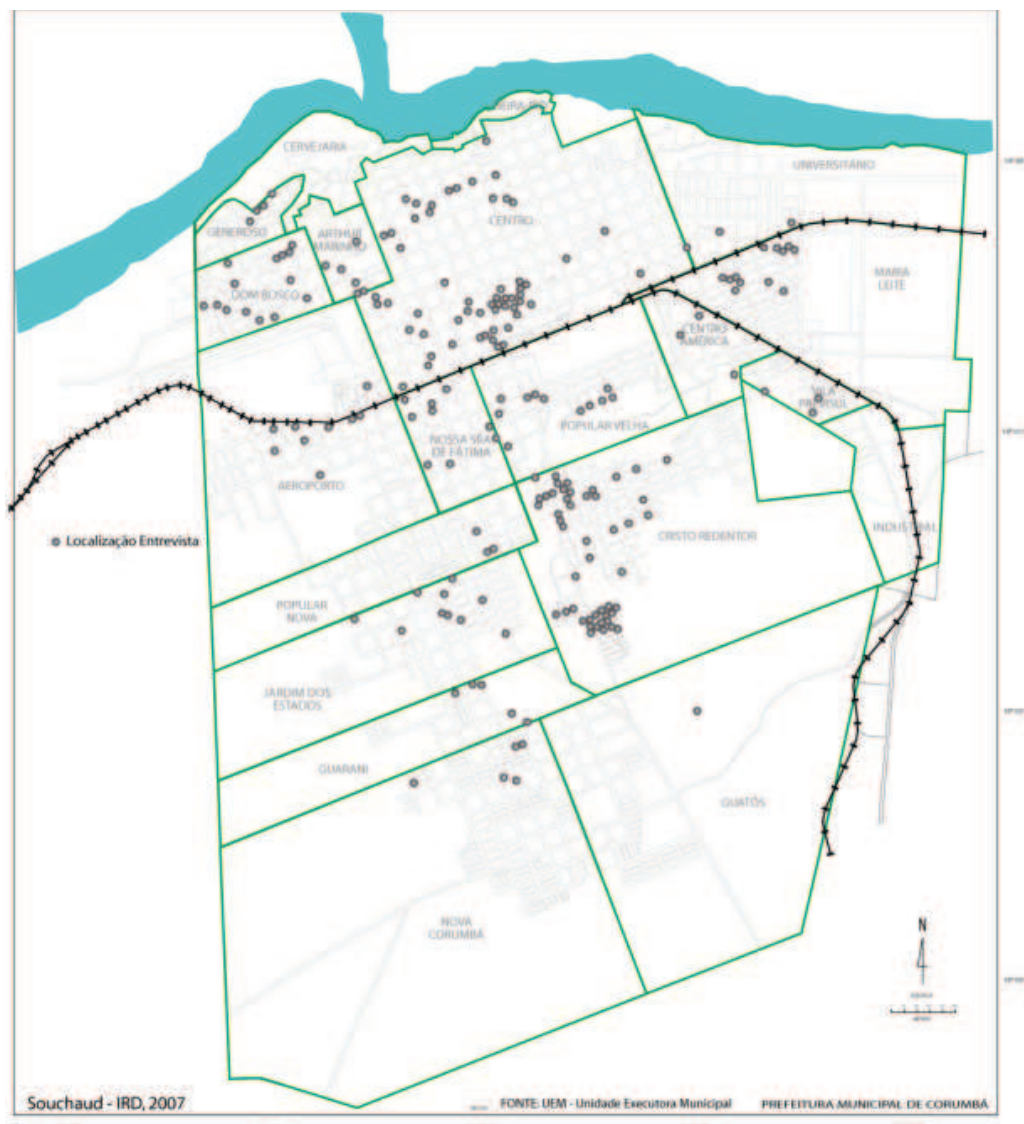
Cada entrevistador investigador marcava a localização dos domicílios entrevistados em mapas distribuídos diariamente. Atualizávamos, por conseguinte, diariamente a cartografia dos lugares de entrevistas e reorientávamos, caso necessário, alguns entrevistadores em bairros pouco explorados. Assim, cada bairro foi explorado e a distribuição geográfica das entrevistas ilustra, em parte, a distribuição dos imigrantes bolivianos em Corumbá.

Arranjos familiares dos imigrantes bolivianos

A imigração em Corumbá, segundo os nossos dados, é marcadamente feminina (tratando-se da população adulta), fato este importante para se manter em mente ao longo da análise. Dessa forma, dentre a população dos chefes de família e seus cônjuges nascidos na Bolívia, 289 no total, 65% (188) são mulheres e 35% (101) são homens. Espera-se, portanto, um maior número absoluto de casos de exogamia entre as mulheres do que entre os homens, o que requer um exercício de ponderação por sexo no momento das análises.

Nessa população de imigrantes chefiando famílias em Corumbá, existem várias

Mapa 2
Localização dos domicílios entrevistados em Corumbá



Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

**Escolha conjugal
dos imigrantes
bolivianos
na fronteira
com o Brasil**

**Wilson Fusco e
Sylvain Souchaud**

modalidades de arranjos familiares. Primeiro, cabe observar que uma porção importante, 90 pessoas (31%), vive sem cônjuge; podemos dizer, adicionalmente, que tais pessoas vivem com um ou mais filhos, algumas vezes até com outros parentes e agregados. Depois, outros 134 indivíduos imigrantes (46%) vivem como casais de bolivianos, isto é, em pares endogâmicos. Por fim, o restante dos imigrantes, ou seja, 65 pessoas nascidas na Bolívia (23%) vivem com um cônjuge brasileiro em uniões exogâmicas.

Duas observações importantes decorrem de uma aproximação inicial a esses dados. Em primeiro lugar, alguns dos migrantes bolivianos em Corumbá parecem seguir um dos padrões clássicos da migração, segundo o qual a migração é comportamento associado a adultos sem parceiros (cônjuges), geralmente em migrações arriscadas (por falta de documentação necessária, por exemplo). Esse adulto pode estar acompanhado de filhos ou de outra pessoa não cônjuge e, geralmente, tem pouco tempo de residência no destino. Isso não implica que o migrante seja solteiro, ele pode ter um cônjuge, o qual se manteve com ou sem os filhos no lugar de origem, assumindo uma atividade profissional ou mantendo uma casa. Essa opção corresponde ao objetivo de acumular rapidamente recursos e fontes de renda, ou simplesmente visa diminuir o peso financeiro da migração (caso fossem muitos os membros da família a migrar) ou limitar os impactos dos riscos inerentes a muitas migrações (no caso das migrações ilegais e/ou de permanências sem a documentação regular). A reunião do casal pode ser um objetivo em médio prazo, relativo ao tempo acumulado na migração.

Segundo, podemos dizer que em aproximadamente metade das famílias compostas por casais o imigrante vive em união (oficialmente casado ou não) com uma pessoa nascida no Brasil. A exogamia seria, então, muito comum entre os imigrantes que vivem em casais, embora a população migrante em sua totalidade não tenha adotado o modelo de união vigente na sociedade de recepção. Essa nuance, mostrando duas situações extremas

de um mesmo fenômeno, reflete não somente diferenças iniciais entre os migrantes, como também o caráter dinâmico da migração. Com efeito, a migração se define em função do ciclo de vida e, ao mesmo tempo, ela alimenta e acelera a construção das etapas do ciclo vital. A população migrante, além de se caracterizar por perfis diferentes no momento da emigração, experimenta muitas situações de vida durante o período migratório, e essa variedade de situações familiares e individuais, em conjunto com a alta velocidade com que se modificam os arranjos familiares dos próprios migrantes na sociedade de recepção, mostra reflexo nos resultados da pesquisa.

Entre as 222 famílias com pelo menos um responsável nascido na Bolívia, 40% (90 casos) eram monoparentais e 60% (132 casos) eram constituídas por casais. Destes, 65 eram casais exogâmicos, ou seja, um dos cônjuges era nascido no Brasil e o outro na Bolívia. Aproximadamente 72% dos casais exogâmicos (47 casos) eram constituídos por mulheres nascidas na Bolívia, e a minoria, 28% (18 casos), por esposos bolivianos. Essa proporção maior de mulheres bolivianas nos casais exogâmicos poderia ser interpretada como resultado da maior presença generalizada das bolivianas em todas as chefias de família, já que nos arranjos familiares nos quais um dos responsáveis tenha nascido na Bolívia, as mulheres bolivianas registradas como responsável ou cônjuge correspondem a 65% do total de casos. Esta superioridade numérica, no entanto, não explica totalmente a diferença apontada com relação aos casais exogâmicos, pois apesar de serem volumes pequenos, a ponderação dos números sobre exogamia com relação à composição por sexo entre os imigrantes – especificamente os registrados como responsáveis pela família – ratifica a constatação de que as mulheres nascidas na Bolívia seguem o modelo de casais mistos mais frequentemente que os homens.

Será que as bolivianas se comportam dessa maneira seguindo uma estratégia, nos moldes descritos no início deste texto? Ou será que a união exogâmica não era realmente uma opção, mas, em função da fra-

gibilidade da mulher migrante associada à menor disponibilidade de parceiros conterrâneos, a única alternativa viável?

Ademais, esse diferencial real, mas pouco importante quantitativamente, sugere que os dois sexos alimentam o modelo exogâmico. É provável, ainda, que isso ocorra por razões (ou segundo esquemas) diferentes. Considerando as interpretações baseadas nos diferenciais socioeconômicos entre membros de casais, costuma-se observar que as mulheres migrantes entram em uniões exogâmicas com mais frequência quando se encontram em patamares econômicos mais baixos que os parceiros, ao contrário dos homens, cuja probabilidade de casar com uma mulher do país de recepção aumenta na relação direta com o diferencial positivo de seu próprio patrimônio. O casamento de mulheres migrantes decorreria, por exemplo, de uma desigual acessibilidade e integração no mercado de trabalho entre homens e mulheres.

Essa acessibilidade deficiente e desigual (o acesso é desequilibrado, assim como os salários), no caso das mulheres, resulta de vários fatores diretos (discriminação nas condições de acesso ao emprego, desvalorização de suas capacidades etc.) ou indiretos (nível educacional mais baixo em consequência de um acesso limitado)⁷ que visam desqualificar as mulheres no mercado de trabalho e fariam com que a possibilidade de ascensão social *via* união com alguém em melhores condições financeiras fosse a alternativa mais “fácil”. No casamento com uma autóctone, o homem migrante consolidaria, de certa forma, sua presumida posição social superior. Nos dois casos de exogamia, as mulheres, muito mais do que os homens, são equivalentes mais à “moeda de troca” do que indivíduos que compartilham uma relação simétrica quanto ao motivo de aspiração para o matrimônio, ao mesmo tempo em que elas procurariam diminuir sua “desvantagem” por meio do casamento misto.

De fato, ao separarmos os responsáveis pela família em dois estratos de renda (soma da renda de toda a família), verificou-se que os casais mistos encontram-se em melhor posição nessa escala simples, seguidos de

casais endogâmicos bolivianos e, por último, encontramos o chefe boliviano (homem ou mulher) sem cônjuge (família monoparental).

A escolaridade é outro fator frequentemente associado à escolha conjugal. Estudos como o de Ferreira e Ramos (2008), realizado recentemente em Portugal, evidenciam que os cônjuges geralmente tendem a apresentar nível educacional equivalente quando inseridos em casais endogâmicos.

Com relação aos imigrantes, por outro lado, espera-se encontrar maior diferença entre os níveis de escolaridade dos cônjuges inseridos em casais mistos, os quais se juntam com o objetivo (de um deles) de compensar certas desvantagens em troca de, por exemplo, sua juventude frente ao parceiro. Neste caso, o que se observou na amostra de Corumbá foi o oposto. Após contabilizadas as diferenças de anos de estudo entre os parceiros, verificou-se que os maiores desvios ocorreram entre casais endogâmicos (sejam bolivianos ou brasileiros), e os membros de casais exogâmicos apresentaram níveis educacionais mais próximos. Assim, no caso de Corumbá, a busca por um parceiro de mesma nacionalidade não incorpora a equivalência de escolaridade, enquanto que a escolha de um cônjuge de outra nacionalidade parece associar-se a uma menor diferença neste quesito.

A distribuição dos imigrantes nascidos na Bolívia segundo o sexo mostra também que as mulheres aparecem com mais frequência nas famílias monoparentais (39% contra 16%), enquanto que os homens se concentram fortemente nos casais endogâmicos (66% contra 36%). Quando observadas essas bolivianas na chefia de famílias monoparentais, das quais fazem parte seu(s) filho(s) e, algumas vezes, outros parentes e agregados, verifica-se que 70% delas têm pelo menos um filho nascido no Brasil. Além disso, essas mulheres têm uma mediana de 58 anos de idade e de 40 anos de tempo de residência no Brasil, ou seja, a maior parte dessas mulheres está em adiantado estágio de seu ciclo vital familiar, e com muito tempo de vida em território brasileiro. Muitos de seus

Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

filhos já têm filhos – também nascidos no Brasil –, e sua inserção na sociedade de recepção parece bem consolidada.

Por outro lado, quase metade das mulheres classificadas como responsáveis em famílias monoparentais declarou estar separada ou solteira (ainda que com filho), e grande parte dessas bolivianas é jovem e com tempo de residência no país relativamente curto. Essas mulheres podem ter experimentado a vida no interior de uniões endogâmicas, e seus arranjos familiares atuais serem resultado da dissolução do casal. Tais imigrantes podem, no futuro, decidir voltar a seu país com seus filhos brasileiros ou continuar no Brasil e (re)planejar sua situação matrimonial, provavelmente com um parceiro brasileiro, se a situação atual se configurar como tendência.

O tempo e as formas de união

Evidenciada a variedade de arranjos familiares e modalidades de união, cabe considerar a inserção do migrante na sociedade recepção – especificamente, neste caso, em termos de seu comportamento matrimonial –, a partir do estudo do tempo acumulado na migração. A idade é fator que atua na posição (ou no papel) de qualquer indivíduo em sociedade, mas no caso do migrante a mudança de lugar de residência é um elemento a mais que influencia nos modos de sua socialização. Esses dois parâmetros, tempo e espaço, combinam-se para acelerar e reforçar, voluntária ou involuntariamente, a integração do indivíduo na sociedade.

O resultado do processo migratório pode ou não se concretizar satisfatoriamente, mas é importante lembrar que se o projeto de migração leva uma ambição, um objetivo de superação individual, e a sociedade como um todo, nos lugares de saída e recepção, não deveria esperar dos migrantes mais que dos demais membros do grupo.⁸

Assim, podemos pensar que a tendência de um grupo de imigrantes à exogamia cresce em função do tempo de residência de seus membros no lugar de destino. Com efeito, os chefes de família e seus cônjuges

nascidos na Bolívia que formam casais endogâmicos (aproximadamente 50% de todos os casais) têm a mediana de tempo de residência no Brasil em 15 anos, enquanto os imigrantes bolivianos que são responsáveis pela família em casais exogâmicos têm essa mediana em 25 anos.

Poderíamos considerar, também, o tempo de residência dos imigrantes na chefia de família monoparental, acrescentando, assim, um grupo à nossa análise. Seria preciso, contudo, “filtrar” o passado matrimonial dessas pessoas, especificamente para retirar do grupo quem se separou ou ficou viúvo. De fato, isolando os viúvos e os separados nessas famílias monoparentais, a mediana do tempo de residência no Brasil cai de 41 para 26 anos, ao mesmo tempo em que a mediana de idade cai de 59 para 50 anos, evidenciando a associação entre idade, situação do ciclo vital familiar e a exposição ao maior tempo de experiência migratória.

Essa associação não se relaciona com as hipóteses deste trabalho, segundo as quais a união exogâmica seria um indicativo de maior integração do indivíduo migrante, ou de que a integração aumentaria com o passar do tempo, mas ela mostra como o processo migratório é um fator importante na dinâmica demográfica de um grupo social, conforme se afirmou anteriormente.

Outro problema surge ao se estudar o tempo de residência: seria importante considerar o período de passagem de um estado conjugal a outro, de um comportamento endogâmico a um comportamento exogâmico (ou vice-versa). A exogamia de um grupo, no caso dos migrantes bolivianos, não depende somente deles como indivíduos, que é a forma que tendemos a considerá-los quando analisamos os dados. É preciso pensar que a própria sociedade de recepção evolui com o passar do tempo e modifica suas referências e atitudes perante os grupos alóctones, de forma genérica, por um lado, e segundo sua origem geográfica mais específica, por outro.

Evidentemente esse movimento não é linear, mas varia muito de um grupo a outro, e se define em função de movimentos estru-

turais e fatos conjunturais, de ordem econômica (crises) ou política (qualidade das relações internacionais).

Além disso, devemos considerar que a própria composição socioeconômica do fluxo e seu perfil cultural evoluem. Disso resulta que, em primeiro lugar, a migração se transforma e que, em segundo lugar, essa mudança vai implicar contato com uma população diferente na sociedade de recepção, porque parece que os grupos sociais tendem a procurar ou relacionar-se com seus “semelhantes” na migração também, mesmo se a migração tende a favorecer uma leve, mas imediata, ascensão social. O refugiado político dos anos de 1970, por exemplo, apresentava um perfil urbano e qualificado, diferente dos bolivianos rurais e sem qualificação que, junto a nordestinos, chegaram a Corumbá nos anos de 1950 para a construção da estrada de ferro, enquanto que o predominante no fluxo de hoje é uma mão de obra pouco qualificada, cujas origens ou experiências são mais urbanas.

Essas características vão determinar as modalidades de contato com a sociedade de recepção, pois cada grupo vai se posicionar espacialmente e socialmente de forma diferente, envolvendo segmentos diferentes da sociedade de recepção. Assim, a questão das origens desses migrantes será abordada no próximo segmento.

A importância das culturas e lugares de origem dos migrantes

Não estudaremos a possível variabilidade da sociedade receptora, mas tão somente a da população boliviana, enfocando uma característica espacial: a origem geográfica dos migrantes. Já foram publicados trabalhos sobre essa questão, refletindo sobre como identidades territoriais tendem a se reproduzir na migração (SOUCHAUD e BAENINGER, 2008 e 2009).

Na Bolívia, em 2001, 50% da população declarou ser indígena (INE, 2006). Essa proporção varia dentre os nove departamentos do país, atingindo seus valores mais elevados nas regiões altiplânicas e mais baixos nos departamentos de planícies. Além disso, cabe

considerar que essa divisão topográfica coincide com uma disposição meridiana. Os departamentos orientais (com exceção dos departamentos de Chuquisaca e Tarija, que têm um perfil complexo) são regiões baixas, onde a proporção de indígenas varia entre 12% e 22% da população. Nos departamentos ocidentais, nas regiões altas (andinas), a proporção de indígenas varia entre 60% e 81% da população total. Em 2001, do total de indígenas com mais de quatro anos de idade,⁹ 41% aprenderam a falar quéchua, 27% aimará e 1,2% guarani, para mencionar as três principais línguas/culturas indígenas. Em 2001, 78% dos falantes de aimará moravam no departamento de La Paz, 61% dos locutores quéchua moravam nos departamentos de Cochabamba e Potosí. Em suma, a sociedade boliviana andina é muito marcada pelas culturas quéchua e aimará (INE, 2006).

Observamos em nossa pesquisa de campo que a maioria dos imigrantes chefes de família nasceu no departamento de Santa Cruz (73%), região de planície pouco marcada pelas culturas indígenas andinas. Por outro lado, temos uma proporção menor (27%) de chefes imigrantes que nasceu nos Andes. A partir desta informação podemos comparar o comportamento em termos de exogamia das duas populações. Somente 12% das pessoas do altiplano vivem em casais exogâmicos, sendo que 25% das pessoas originárias do departamento de Santa Cruz vivem nesse tipo de casal. Esse dado encontra correspondência na distribuição dos casais endogâmicos, para os quais a proporção de andinos sobe para 75% do total e a dos *cruceños* baixa para 38%.

Existiria, então, um efeito distintivo maior no que se refere à questão da união exogâmica entre as populações andinas e as populações das regiões baixas da Bolívia, perante as populações brasileiras de Corumbá. Essa diferenciação é até mencionada pelos próprios moradores de Corumbá quando alguns, em certas ocasiões, insistem nas diferenças culturais que existem entre os andinos, as quais tenderiam a alimentar sua marginalização. Mas esta diferenciação poderia ser uma mera

Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

extrapolação subjetiva de diferenças de fenótipo, sendo os andinos mais facilmente identificados pelos aspectos físicos, e rapidamente estigmatizados.

Essa constatação deriva de observações elaboradas a partir de outros aspectos de sua socialização, segundo os quais os andinos conseguiam uma inserção na sociedade local, como ficou comprovado após o exame de seus lugares de residência na cidade ou de suas atividades profissionais (SOUCHAUD e BAENINGER, 2008).

A existência de comportamentos matrimoniais diferenciados pode ser considerada como possível revelador de territorialidades distintas no interior do grupo de imigrantes. De fato, observamos que existe globalmente tendências a uma melhor inserção espacial, um melhor posicionamento na hierarquia socioeconômica do migrante andino, cuja taxa de exogamia é menor, na sociedade corumbaense do que dos migrantes das planícies, com suas taxas maior de casamentos mistos. Estes últimos são sobrerrepresentados nas categorias sociais menos favorecidas e nos bairros populares periféricos e com déficit de equipamentos urbanos básicos (bairros do Cristo Redentor, Guatós e Nova Corumbá). Além disso, uma vez que a taxa de exogamia é superior nas populações originárias das terras baixas em comparação com as populações andinas, poderia surgir a tentação de concluir que a exogamia seria usada como uma forma de compensar certos efeitos de marginalização social e espacial.

Ademais, é mais provável que a tendência de socialização restrita ao próprio grupo de conterrâneos seja mais intensa em coletivos mais recentes do que em grupos mais antigos. Essa tendência de socialização restrita limitaria a exogamia, expressando os efeitos matrimoniais das territorialidades, que são realmente distintas entre grupos de imigrantes bolivianos.

Conclusão

Foi nossa intenção, neste trabalho, mostrar a associação da escolha conjugal de imigrantes bolivianos residentes no lado brasi-

leiro da fronteira com elementos temporais e espaciais, entre outros. A forma de inserção do migrante na sociedade de recepção é, muitas vezes, vinculada às modalidades de união em termos de endogamia ou exogamia. Tais modalidades, por sua vez, são mais ou menos valorizadas – e até consideradas em termos de estratégia – em função de aspectos próprios da população nos lugares de origem e de destino, como cultura e economia locais, além de – especificamente para o caso de Corumbá-MS – políticas para região de fronteira, entre outros. As informações do Censo do IBGE, por exemplo, evidenciam diferentes estratégias de arranjo matrimonial em função da origem do imigrante (europeu, latino-americano com ancestralidade europeia ou indígena) e de seu lugar de residência no Brasil (bolivianos em São Paulo ou na fronteira). Os dados resultantes de nossa pesquisa de campo, da mesma forma, permitiram-nos elaborar quadros que mostram a estreita relação entre o tempo de residência, a região de origem do migrante e as opções de união em termos de endogamia ou exogamia.

A exogamia é um indicador da integração do migrante, mas não pode ter sua importância supervalorizada. Ao chegar à sociedade corumbaense, o migrante boliviano constrói e reforma suas fronteiras sociais em função da organização social local, mas também em virtude de seus próprios modelos de socialização, os quais carrega consigo como marcas de sua diferença. O mesmo povo boliviano, por sua vez, tem diferentes formas de interpretar e entender o mundo, dependendo de seu lugar e cultura de origem. A maior proporção de casos de endogamia entre os andinos, por exemplo, não pode ser imediatamente associada à dificuldade ou falta de interesse em termos de inserção desses migrantes, mas devemos aguardar – uma vez que migrantes originários da região altiplânica estão há menos tempo em Corumbá – para avaliar, por meio de outros indicadores, como eles se comportam, ou como estariam as gerações seguintes, caso eles decidam por se fixar permanentemente em território brasileiro.

Além disso, pudemos ver que o espaço fronteiriço tem características originais e complementares a, por exemplo, São Paulo. Esta cidade e suas particularidades de região metropolitana, apesar de sua riqueza e complexidade, não tem todos os elementos encontrados na população migrante de cidades como Corumbá e Guajará-Mirim. Estas e outras cidades brasileiras têm condições únicas de oferecer atrativos a migrantes, seja pela legislação específica em regiões de fronteira internacional, seja pela situação de proximidade

espacial e, conseqüentemente, com melhor logística para a circulação de pessoas, bens e serviços. Em Corumbá, especificamente, tivemos também a ocorrência da construção da estrada de ferro, há mais de cinquenta anos.

Considerando todos esses fatores, encontramos na cidade uma grande diversidade de perfis entre os bolivianos, o que amplia muito as possibilidades de análise da migração e de outros elementos associados, tal como o comportamento exogâmico dos migrantes na sociedade de destino.

Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud

Notas

¹ Este trabalho corresponde a uma versão revisada e ampliada de um texto publicado na revista *Travessia*: Fusco, Wilson; Souchaud, Sylvain (2009) Uniões exogâmicas dos imigrantes bolivianos na fronteira do Brasil, *Travessia* (22), São Paulo, CEM, pp. 32-38.

* Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco. E-mail: wilson.fusco@fundaj.gov.br.

** Pesquisador do Institut de Recherche pour l'ê Développement (IRD-França).

² Assimilação, integração e inserção descrevem o mesmo processo, mas com intensidades diferentes, sendo a assimilação um processo mais radical, completo e definitivo. No entanto, refletem também, em sociedades de intensa imigração, posturas ideológicas bastante diferenciadas, até opostas, num debate mais sensível.

³ Inúmeros indicadores comprovam esse fato: desemprego, renda, situação nas cidades, escolarização, índice de encarceramento, taxa de mortalidade por causas violentas etc.

⁴ Cabe mencionar que consideramos neste estudo exclusivamente a área urbana do município de Corumbá que conta com 85.686 habitantes, ou seja, 90% da população total do município. Os imigrantes bolivianos, por sua vez, se concentram a 97% na área urbana (IBGE, 2000).

⁵ Nos dois casos existe um sub-registro dos imigrantes em proporções equivalentes (acreditamos), o qual tende, portanto, a se anular e que permite comparar variáveis.

⁶ A documentação da pesquisa encontra-se em: <http://www.nepo.unicamp.br/fotos/encuestacorumbaout2006.pdf>.

⁷ Esses fatores tendem a desaparecer rapidamente.

⁸ É o que acontece quando, ultrapassado o âmbito individual ou familiar, espera-se das remessas financeiras dos migrantes benefícios econômicos e sociais para a sociedade em geral.

⁹ Curiosamente, os menores de quatro anos são considerados como não falantes.

Referências bibliográficas

BILAC, Elisabete Dória. Género, familia y migraciones internacionales. *Revista de la OIM sobre migraciones internacionales en América Latina*. Santiago de Chile, 1995, n.º 13 (1), p. 3-11.

BUECHLER, Simone. Sweating It in the Brazilian Garment Industry: Korean and Bolivian Immigrants and Global Economic Forces in Sao Paulo. *Latin American Perspectives*, 2004, n.º 31(3), p. 99-119.

CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara Rolnik. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. *Cadernos da metrópole*, São Paulo, 2007, n.º 17, p. 119-133.

FERREIRA, Ana Cristina; RAMOS, Madalena. Padrões de conjugalidade entre os imigrantes em Portugal. *Revista Estudos Demográficos*, Lisboa, INE, 2008, n.º 43.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 25ª Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987.

INE Bolivia. *Características sociodemográficas de la población indígena*, La Paz, INE, 2006, 337p.

LEVY, Maria Stella Ferreira. A escolha do cônjuge. *Revista brasileira de Estudos Populacionais*. Rio de Janeiro, Abep, 2009, n.º 26 (1), p. 117-133.

MANETTA, Alex. Dinâmica populacional, urbanização e ambiente na região fronteira de Corumbá. *Dissertação* (Mestrado), Departamento de Demografia, Unicamp, Campinas, 2009, 98p.

REA, Andrea; TRIPIER, Maryse. *Sociologie de l'immigration*, Paris, La Découverte, 2008, 120p.

SILVA, Carlos Freire da. Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da

indústria de confecção em São Paulo. *Dissertação* (Mestrado), Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, 141p.

SILVA, Sidney Antônio da. *Costurando Sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas Editora, 1997, 292p.

SILVA, Sidney Antônio da. *Virgem / Mãe / Terra. Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2003, 263p.

SILVA, Sidney Antônio da. *Bolivianos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas e Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo: ABEP, 2008, n.º 25 (2), p. 271-286.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana (2009) Etudier les liens entre les migrations intérieures et internationales en suivant les trajectoires migratoires des Boliviens au Brésil. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, Poitiers, CNRS, 2009, n.º 25 (1), p. 195-213.

SOUCHAUD, Sylvain; CARMO, Roberto Luiz do; FUSCO, Wilson. (2007). Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai. *Teoria & Pesquisa*. São Carlos, 2007, n.º XVI (1), p. 39-60.

TODD, Emmanuel. *Le destin des immigrés*. Paris: Seuil, 1994. 470p.

Escolha conjugal dos imigrantes bolivianos na fronteira com o Brasil

Wilson Fusco e Sylvain Souchaud